

Introdução

Durante muitos anos, Portugal e Angola compartilharam da mesma condição histórica, em posições opostas. A presença portuguesa na África perdurou por quase cinco séculos, estabelecendo um regime colonial que se interessava, num primeiro momento, pelo comércio de escravos. Somente com a proibição oficial imposta pela Inglaterra a essa prática é que os portugueses começam a povoar e a explorar as riquezas locais. De acordo com o professor Fernando Rosas¹, até 1945 a postura dos portugueses em relação à África baseava-se na idéia de um continente inóspito, onde havia apenas 1% de brancos – se consideradas como exemplo as colônias portuguesas. Somente depois do fim da Segunda Guerra Mundial é que se deram os grandes deslocamentos migratórios de ocupação branca em Angola, gerando novos núcleos urbanos, resultados de investimentos em obras de infra-estruturas. Essa relação, marcada por movimentos contínuos e descontínuos, delineia uma colonização que ocorre, de fato, muito recentemente, se se tomar o termo *colonização* como fenômeno de povoação do território. A intensificação da presença portuguesa em Angola gerou não só uma reorganização espacial, como também uma reação dos angolanos, traduzida pelos movimentos que visavam à independência. Esses movimentos libertários datam da década de cinquenta do século passado, período bastante próximo ao da presença maciça dos europeus em Angola.

O regime português vigente à época reagiu a esses movimentos dando início a uma guerra (1961) que, ao se arrastar por longos treze anos, intensificou animosidades que remontam do período colonial e fez com que sentimentos hostis aflorassem dos dois lados, gerando feridas que ainda estão por cicatrizar. Alguns portugueses ainda não acordaram do *sonho do império*, como os agentes protagonistas do romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, de Lobo Antunes², e angolanos, como Kanda, personagem do romance *A parábola do cágado velho*, de

¹ ROSAS, Fernando. **Comunicação pessoal**. Curso. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras na PUC-Rio, abr. 2006.

² LOBO ANTUNES, António. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Pepetela³, ao defenderem um socialismo que, por vias brutais, impõe aos seus semelhantes práticas idênticas às aquelas de que se valeu o colonizador.

A atmosfera política presente nos dois romances remete ao tempo em que os angolanos se interrogavam sobre o destino socialista ou capitalista de Angola, e os portugueses redimensionavam seus destinos após o fim de uma ditadura de mais de quarenta anos, seguida pelo declínio do império. Na tentativa de resolver esses conflitos, os angolanos vão à busca das tradições para reconstruir uma nação, enquanto os portugueses, ao terem que voltar o seu olhar para a Europa, repensam sua vocação de povo colonizador por excelência.

O objetivo central desta dissertação é mapear questões culturais e históricas deflagradas nas sociedades portuguesa e angolana após as guerras coloniais. Toma-se como eixo norteador das reflexões aqui apresentadas os dois romances já citados, entendendo-os como chaves que abrem as possibilidades de leitura das relações que se estabelecem entre portugueses e angolanos no contexto pós-1974. Pretende-se, por meio da análise desses textos ficcionais, interrogar as consequências históricas e os custos sociais implicados nessas guerras, verificando seus reflexos, de um lado no imaginário português, de outro nas formas de organização social em Angola. Ao tratar a guerra como um pano de fundo, é a intenção desta monografia contribuir para a ampliação do diálogo entre esses dois países, fazendo com que, na retomada de suas trajetórias históricas, as relações incontornáveis existentes entre ambos adquiram maior relevo. Buscando condensar as diversas visões que sobrevivem na ex-metrópole em relação à ex-colônia, tentar-se-á fazer um balanço dos olhares, explicitando os olhares que ainda se mantêm em jogo na ficção literária contemporânea, definindo a natureza de um diálogo possível.

É nessa perspectiva que se dá a leitura dos dois romances. Busca-se articular os olhares do *colonizado* e do *colonizador*, para mapear hipóteses de leitura.

O presente estudo não pretende desenvolver uma análise comparativa, não busca simplesmente apontar semelhanças ou afastamentos entre os dois romances. Aqui, não se trata de comparar a literatura portuguesa com a angolana. O que

³ PEPETELA. **Parábola do cágado velho**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

interessa é ressaltar a dimensão dialógica que elas podem estabelecer entre si, criando um elo para as leituras de cada romance, de maneira que uma não esteja totalmente determinada pela outra. Serão feitas abordagens distintas, buscando explorar nas leituras as pistas, deixadas pelos narradores, que ajudem a defender a presente hipótese de uma relação dialógica entre portugueses e angolanos. Os dois romances acercam-se da problemática da guerra, de seus horrores e das crueldades impostas ao homem pelo próprio homem. Pretende-se analisar o cruzamento desses olhares para, a partir deles, levantar hipóteses nas quais outras formas de relacionamento entre portugueses e angolanos possam ser entrevistas, passando ao largo dos antigos ranços do colonialismo.

A fim de efetivar essa análise, procuram-se formular entendimentos acerca do que significou o fim do império no âmbito do imaginário português e também sobre as repercussões culturais desse declínio na auto-imagem histórica de povo colonizador. Para isso, é importante analisar as representações do processo de independência em Angola. Trabalhar entre esses dois movimentos é a questão: articular as ficções portuguesa e angolana a partir de escritores indiscutivelmente representativos das literaturas nacionais, apontando para um possível diálogo entre essas duas culturas. A atenção se prende tanto ao período da guerra quanto à realidade histórica que se instaura a partir dela. Preocupam os efeitos que a guerra, retratada na ficção, pode provocar: de um lado, impulsionar os portugueses a revisitarem a sua história; do outro, possibilitar que os angolanos pensem acerca de questões identitárias. Neste caso, parece mais importante compreender os processos históricos que levaram aqueles países àqueles combates do que simplesmente recordar o seu acontecimento.

O problema para os portugueses não é de identidade, mas de hiperidentidade, como sugere Lourenço⁴; seguindo a linha do que ele ensina, pode-se pensar que a imagem que os portugueses construíram de si mesmos é pautada numa euforia mítica de messianismo que se encontra no passado, convertida, entretanto, no presente. O imaginário português de uma nacionalidade que se alterna entre superioridade e inferioridade não se abala com o fim do império. Os portugueses passam por essa perda de modo indiferente: “vivemos o

⁴ LOURENÇO, Eduardo. **Nós e a Europa ou as duas razões**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

luto com insólita serenidade, quase pura indiferença”⁵. Esse aspecto é bastante significativo na escrita de Lobo Antunes. O escritor põe em ação na sua obra um elemento desestruturador dessa mitologia. Ao narrar as barbaridades da guerra colonial, desmistifica a imagem ideal de um Portugal igualitário e fraterno, colocando em xeque um imaginário de longa data, intensificado pelos aparelhos de propaganda do Estado Novo português no período salazarista. O romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo* é erguido como uma contra-imagem de Portugal. Funciona como um espelho onde os portugueses podem enxergar o significado do império sem as máscaras do imaginário ufanista e messiânico.

Se, de um lado, o problema de Portugal é repensar seu imaginário, redesenhar outro mapa após a queda do império; em Angola, o problema tem outra dimensão. Não se trata de repensar um imaginário, mas de construir uma consciência nacional. Poder-se-ia perguntar: o que significa a expressão *consciência nacional* em Angola? A expressão está ligada às possibilidades de futuro daquele país e à idéia de que se fazia necessária à restauração de uma identidade nacional. Ter consciência, portanto, significava ser capaz de fazer uma ponte entre as culturas primitivas locais e a nova ordem pós-colonial que implicava a entrada do país numa agenda global. Criar uma identidade para um país que sofreu durante longos anos a interferência cultural do colonizador significava também retomar a tradição, relê-la, re-semantizá-la a partir da aquisição de valores europeus que, de certo modo, foram assimilados como marcas culturais impossíveis de serem ignoradas. A independência de Angola exigiu (e ainda exige) dos angolanos a construção de conceitos como o de nacionalidade ou de identidade nacional, que lhes foram negados enquanto estiveram sob a vigência do estatuto colonial. O sentimento de pertencimento a uma pátria que seja realmente sua e não imposta por outros faz-se necessário nesse momento de autonomia.

Nesse contexto, a obra de Pepetela articulada à de Lobo Antunes permite traçar o retrato de um novo momento que liga Portugal e África pelo viés da necessidade de redimensionamento da experiência de império. Que contornos assumem Portugal e África após o fim do Império? Que tipos de diálogos são possíveis entre esses dois países já não ligados pela dependência econômica e

⁵ LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa*, cit., p. 13.

política? O que a guerra colonial deixou de aprendizado para que os países se reorganizassem a partir de outra ótica, não mais na polarização colonizados *versus* colonizadores? Essas questões norteiam a presente dissertação.

A ficção de Lobo Antunes freqüentemente aponta para uma espécie de cegueira dos portugueses. Ao longo da sua obra, o escritor faz alusão a uma falta de visão que, para alguns portugueses, tem a ver com a incapacidade de admitir o fim da idéia de império. A imagem da cegueira na história portuguesa é tão expressiva que compõe a temática central do conhecido romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. Sem avançar em detalhes a respeito desse romance, o que aproxima a cegueira apontada por Saramago àquela que Lobo Antunes revela é a necessidade de olhar o outro para se humanizar, abrindo importante discussão sobre a alteridade. Os portugueses, personagens do romance de Lobo Antunes, são completamente indiferentes às questões angolanas. Encastelada em seu mundo egoísta e sintomático, a pequena burguesia lisboeta lida às cegas com os impasses que a descolonização impôs a portugueses e angolanos. No romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, portugueses se organizam de maneira selvagem e brutal para um enfrentamento que se justifica pela disputa do controle do comércio ilegal de diamantes, como bem expressa a narrativa de Lobo Antunes na voz de um dos Agentes do Serviço:

eu a erguer a garrafa numa saúde ou num convite, ele a hesitar e contudo a corneta da praça, os aplausos, entrever a sua cauda, o seu chifre, o seu olho peludo ao mesmo tempo que o Miguéis entrevia a minha cauda, o meu chifre, o meu olho peludo, nós diante um do outro dois toiros idênticos.⁶

A cegueira apontada no romance de Lobo Antunes transcende a dimensão sociopolítica e remete a uma cegueira histórica, a de um olhar ofuscado pela grandiosidade do mar. Sem desprezar essa cegueira que desumaniza os homens, analisa-se também a cegueira frente a acontecimentos históricos, pois de certa forma uma implica a outra.

Explicitar esse imaginário português prodigioso exige a retomada da história mítica, se não desde os primórdios dos descobrimentos, pelo menos no período da ditadura salazarista, em que ela toma uma dimensão irreal.

⁶ LOBO ANTUNES, António. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, *cit.*, p. 32-33.

Embora o romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo* não verse especificamente sobre a guerra de Angola, pode-se dizer que, de certa forma, ela se encontra ali viva nas memórias dos personagens. Como uma voz subjacente, o passado volta para dar sentido ao presente. Nos romances trazidos a esta dissertação, a ambientação da guerra se transforma numa ponte entre a história passada e a história presente, possibilitando releituras dos tempos pretéritos a fim de costurar um futuro. O recuo temporal presente nos dois romances manifesta preocupação com o que está por vir. A retomada do período entre-guerras na narrativa do citado romance de Lobo Antunes toma a forma de um binóculo que reaproxima a realidade angolana da portuguesa, reduzindo-as à mesma condição, ou seja, a de países que se interrogam sobre as possibilidades futuras depois da descolonização.

No romance de Pepetela, estudado nesta dissertação, a guerra também não é o foco central. Entretanto, mesmo não sendo possível pensar em literatura de guerra, ambos os escritores se voltam para a leitura do período pós-guerra colonial. A compreensão desse período se torna mais explícita ao se recuar no tempo, pontuando o período do Estado Novo e a ditadura salazarista. Compreender a política implementada pelo Estado Novo no período da guerra da descolonização ajuda a compreender a passividade com que os portugueses reagiram ao confronto.

Ao escolherem o cenário da guerra como pano de fundo para as ações das personagens, os dois romances analisados remetem o leitor a um período turbulento, tanto em Angola quanto em Portugal. Em Angola, ocorria a guerra fratricida entre a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), descrita no romance de Pepetela. Portugal atravessava naquele momento uma crise social, política e econômica, exposta, indiretamente, nas vozes e na memória dos Agentes do romance de Lobo Antunes. Por meio dessas vozes, é possível identificar o perfil desses portugueses, que vão à África como Agentes para roubar e, ao mesmo tempo, traçar um retrato dos portugueses típicos que permaneceram em Portugal paralisados e à margem dos acontecimentos.

Não há como se pensar o pós-guerra sem se pensar na guerra em si, sobretudo tratando-se de um conflito complexo como o que envolveu a crise entre

Angola e Portugal. Foram guerras de baixa intensidade do ponto de vista técnico, mas, humanamente, de alta brutalidade – sem se falar dos imensos custos sociais.

A complexidade da guerra em Angola foi agravada pelo fato de haver três movimentos pela libertação, cada um seguindo uma linha ideológica própria: os já citados MPLA e FNLA, e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) – dissidência da FNLA. Contavam com o apoio de potências estrangeiras, o que conferiu à guerra uma dimensão internacional, no âmbito da Guerra Fria.

Os movimentos em favor da independência de Angola saíram de dois focos principais. Um deles era formado por intelectuais de formação portuguesa e ideologicamente marxistas, tendo como base principal o proletariado de Luanda e de outras cidades em expansão. Faziam parte também desse movimento, que se caracterizava por seu perfil urbano, ex-camponeses que abandonavam o campo e vinham para a cidade. Em 1955, com a fundação do Partido Comunista de Angola, transformando em 1956 no Partido da Luta dos Africanos em Angola, tem-se o embrião do conhecido MPLA. Apoiado por organizações e ativistas soviéticos e cubanos tendo como presidente Agostinho Neto, figura central nas tensões com Portugal, o MPLA terminou por se fixar na política angolana, mesmo após a perda de quadros importantes, como o próprio Pepetela.

O outro movimento revolucionário estava ligado aos emigrantes angolanos do Congo Belga: de forma semelhante ao que ocorreu com o MPLA, a FNLA era composta também por uma maioria proletária; diferenciava-se do MPLA não apenas ideologicamente, mas, sobretudo, por uma vocação mais rural, mais tribal. Os emigrantes fundaram a União das Populações do Norte de Angola (UPNA), que mais tarde se tornou a União das Populações de Angola (UPA), chefiada por Holden Roberto e depois se estabeleceu efetivamente como a FNLA, de difícil definição ideológica; pode-se afirmar que era anticomunista e se beneficiou do apoio dos Estados Unidos da América.

Havia ainda um terceiro foco, formado pela dissidência do FNLA, a UNITA, presidida por Jonas Savimbi e composta pela etnia majoritária. Tinha

também o apoio dos Estados Unidos por meio da CIA e do governo do *apartheid* sul-africano⁷.

Devido a todos esses acontecimentos, a guerra da independência angolana deixou de ser uma questão meramente nacional entre portugueses e angolanos e passou a ter uma dimensão internacional. A guerra de Angola pertence, como dissemos, ao contexto da Guerra Fria, portanto, à tensão entre a lógica capitalista ocidental e à lógica socialista.

Os movimentos revolucionários angolanos não só se organizaram para lutar a favor da independência, como buscavam, cada um deles, imprimir ao país o seu modelo econômico e político, gerando assim guerras internas de cunho mais ideológico. São guerras como essas que Pepetela retrata na obra escolhida para análise. O romance traz a lembrança delas como uma forma de se rever a história angolana. Essa rememoração histórica também acontece no romance de Lobo Antunes, ao retomar as guerras africanas, de que o escritor foi testemunha. Torna-se possível, portanto, rever a história de Portugal a partir de textos de ficção e, também, repensar a história africana viabilizando um diálogo que, muito provavelmente, não tenha ocorrido – visto que a vocação do povo português é para o solilóquio, como afirma Eduardo Lourenço:

Sessenta anos em contato directo (e na economia invisível da história porventura frutuoso) com o *interlocutor imediato* de um viver que foi e é sempre múltiplo *diálogo*, mas que nós teimamos em contemplar como *solilóquio* [...]⁸

Romper com esse monólogo e tentar construir efetivamente um diálogo são os movimentos que se busca articular na leitura das obras elencadas. Mesmo no romance de Pepetela, nos quais se poderia imprimir à obra um caráter fechado em que ela se volta para si mesma, é possível vislumbrar um diálogo com o colonizador. As questões inscritas na narrativa possibilitam tal leitura, pois Pepetela imprime ao romance uma perspectiva plural. Na aproximação entre os velhos costumes e as novas práticas, ou seja, entre a memória e a esperança, o romance abre janelas para uma relação futura com outros países, inclusive Portugal.

⁷ MARQUES, A. H. de Oliveira. **Breve história de Portugal**. Lisboa: Presença, 1995, capítulo XIV, p. 704-707.

⁸ LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade**. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 20.

A ideologia imperialista incutiu nos colonizadores uma imagem de si mesmos que tem a ver com a imagem dos *predestinados*, a qual, levada ao extremo, gerou uma visão negativa do outro. Assim, o outro é visto como uma negação daquilo que o colonizador representa, percebendo-o como o “nada” ou “ninguém” a ser subjugado e adotado pelo povo predestinado à conquista. Ao desconsiderar a diferença do outro, o colonizador fecha-se em si mesmo e o diálogo não se estabelece. Ao trazer as imagens das guerras e suas conseqüências, as narrativas podem funcionar como um elo para diversos diálogos: de portugueses com angolanos, de portugueses com sua própria história, em perspectiva aberta, de angolanos com portugueses, de angolanos e sua tradição, de portugueses e angolanos com países lusófonos como o Brasil – enfim, uma gama de diálogos que proliferam num contexto de pontes multiculturais.

A teia que pode fortalecer os diálogos entre esses países guarda estreita relação com a história da globalização e do multiculturalismo, que surge reacesa após a descolonização e suas conseqüências. De acordo com Canclini⁹, num tempo de reorganização geográfica, o outro já não é aquele que se situa territorialmente afastado ou alheio, mas passa a ser aquele representado pelo constitutivo cultural da cidade que habita, redefinindo-se assim o conceito de centro e de periferia.

Frente ao enfraquecimento dos Estados-Nações – conceito criado no século XIX – decorrente da globalização que afeta diretamente as questões identitárias, a reordenação de identidades em rede, formadas por blocos não-hegemônicos, apresenta-se como alternativa viável para uma globalização cada vez mais acelerada. Essas reflexões são contempladas no Capítulo 2, tomando-se por base estudos do professor Benjamin Abdala Júnior.

No Capítulo 3, analisa-se pormenorizadamente o romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, buscando pontuar os olhares que os portugueses lançaram sobre Angola ao longo da história recente. Pretende-se enfatizar sobretudo o modo com que muitos portugueses, principalmente os adeptos do modelo imperialista, se reportaram aos angolanos, após alguns anos de descolonização.

⁹ CANCLINI, Nestor Garcia. México: a globalização cultural. In: _____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995, p. 89.

Pode-se dizer que a mecânica presente na construção dessa relação aponta em direção à desmistificação do pensamento de grandiosidade que marcou o povo português. Para explicar melhor essa idéia de grandeza, considera-se que, ao longo de séculos, definiu-se forte tendência dos portugueses em acreditar que fatos ocorridos historicamente podiam ser explicados não pela ótica de uma lógica racional, mas sim pela ordem do milagre, do providencial. As coisas aconteceriam, então, por intervenção divina. Ora, se tudo é resultado de um poder acima do homem, pode-se concluir que este é fraco e precisa dessa proteção essencial. Os portugueses, paradoxalmente, interpretam-se como sujeitos frágeis que, entretanto, se assumem como extraordinários. Esse processo resulta na conjunção de um complexo de inferioridade e de superioridade que, ao longo da história portuguesa, nunca se resolveu.

A descolonização da África ocorreu no período em que Portugal teve sua estrutura política marcada pela queda de Marcelo Alencar, herdeiro político da ditadura Salazarista. É muito importante elucidar os discursos desse governo sobre a descolonização, visto que, nessa época, foi organizada uma ficção oficial bem mais irreal do que a republicana, criando a imagem de um país ideal, um paraíso sem problemas verdadeiros. Nesse período, também se retomou a fusão de imagens que se confundiram ao longo da história portuguesa, desde o início das navegações: a nacional e a imperial.

Como se verá, o romance de Lobo Antunes escolhido como uma das bases desta dissertação traz a história de agentes portugueses que partem para Angola no intuito de manter um sistema de contrabando de diamantes. Nesse comércio clandestino, uma outra guerra explode. Uma guerra não-oficial em cuja vigência fica marcado um relacionamento doentio e inescrupuloso entre as partes em conflito, gerando um labirinto de degradação moral e ética.

Cada um dos três livros que compõem o romance é desenvolvido na perspectiva de um dos Agentes. No entanto, suas vozes se sobrepõem de tal maneira que, no terceiro livro, já não se é capaz de identificar o Agente. A narrativa desenvolve-se por meio das vozes portuguesas e angolanas, construindo-se por meio de frases incompletas e monólogos interiores dos personagens, nos quais passado e presente se articulam através da memória. No romance em

questão – e pode-se já adiantar que em toda obra de Lobo Antunes –, a memória funciona como um lugar de onde pode-se ler e interpretar o presente.

Esse movimento de rememoração desloca os espaços imaginados, tornando possível transitar-se em Portugal e Angola ao mesmo tempo, criando uma descontinuidade temporal. Os espaços portugueses evocados pela lembrança contrastam com o espaço angolano, criando uma circularidade transnacional potencializadora do comunitarismo cultural proposto por Abdala Júnior¹⁰.

No Capítulo 4, o último da dissertação, analisa-se detalhadamente *Parábola do cágado velho*, romance de Pepetela. Nele, a guerra apresenta-se como uma retomada histórica da tradição. Valendo-se de procedimentos semelhantes aos do escritor português, Pepetela evoca a guerra para pensar num futuro como um lugar de ancoragem. O escritor retraça o percurso das lutas enfrentadas pelo povo angolano, culminando na guerra que se instalou em Angola após a independência. Recontar essa história é, em parte, uma maneira de fortalecer a capacidade de resistência dos angolanos frente às disputas políticas.

A história angolana é recontada pela voz do camponês, que aproxima o passado ao presente, numa releitura crítica, fundando nova história. Junto à voz do camponês está a de um narrador onisciente que envolve o leitor e o personagem, convidando-os a recomporem essa história.

Ao trabalhar com processos da memória, o romance salienta a resistência e a recuperação de elementos identitários formadores do multiculturalismo. O processo de colonização marginalizou muitos angolanos, alguns valores de sua cultura foram negados e desqualificados. A reconstrução de uma nova história passa necessariamente pelo resgate desses valores. Na retomada da ancestralidade, as reflexões sobre culturas híbridas são pertinentes para se pensar o momento atual, explorando as influências portuguesas na cultura angolana, passíveis de fazer frente ao império cultural norte-americano.

¹⁰ ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Apresentação: ensaios de relações e relações comunitárias. In: _____ (Org.). **Incertas relações: Brasil-Portugal no século XX**. São Paulo: Senac-SP, 2003, p. 9; ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Globalização e identidade: a bacia cultural ibero-afro-americana em perspectiva. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Orgs.). **Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003, p. 127-145.

Embora o texto seja endereçado a questões africanas, podem-se encontrar nele componentes que ajudem a estabelecer o diálogo pretendido entre Portugal e África. Busca-se ler em Pepetela a trajetória histórica das lutas do povo angolano para ser mais uma voz mediadora junto à história portuguesa. A Angola descrita na obra de Pepetela não difere muito daquela que Lobo Antunes retrata; o que faz diferença são as expectativas. Enquanto a do angolano é grávida de esperanças, a do português é infausta.